

Percepção do Comportamento Agressivo Quando Relacionado a Diferentes Faixas Etárias

Marcus Vinicius Costa Alves* & Marcos Emanuel Pereira
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil

RESUMO

A presente pesquisa visou entender em que medida e tipo a agressividade é atribuída às diferentes faixas etárias. O experimento de desenho 2 x 4 – sendo os fatores o tipo de agressividade (hostil ou instrumental) e a faixa etária (crianças, adolescentes, adultos e idosos) – teve sua coleta de dados realizada através de um questionário elaborado com o *software EFSurvey*. Os resultados demonstraram que o comportamento agressivo é percebido diferente a depender da faixa etária do agente da agressão. Ademais, a justificativa dos participantes ao tipo da agressão também foi diferenciada, sendo a agressão hostil justificada por causas externas ao agente, como educação recebida e ambiente social, e a agressão instrumental sendo justificada diferentemente segundo a idade do participante da pesquisa.

Palavras-chave: agressão; percepção social; idadismo.

ABSTRACT

Perception of Aggressive Behavior When Related with Different Age Groups

This research aimed to understand in which degree aggressiveness is attributed to different age groups. The design of the study was 2 x 4 – the factors being the type of aggressiveness (hostile or instrumental) and the age group (children, adolescents, adults, and seniors). Data was collected by using a questionnaire elaborated with the *EFSurvey software*. Results demonstrated that aggressive behavior is perceived in a different way, depending on the age group to which the performer of the aggression belongs. Furthermore, the justifications of the participants to the type of aggression were also differentiated, with the hostile aggression justified by external reasons to the agent, such as upbringing and social environment, and instrumental aggression being justified differently depending on the age of the participant of the research.

Keywords: aggression; social perception; ageism.

Da extensa gama de comportamentos do repertório humano, os comportamentos com teor agressivo provavelmente são os mais socialmente reprovados. Apesar desta reprovação, a expressão da agressividade é bastante variada e nem toda a forma pela qual o comportamento agressivo se manifesta é sancionada com a mesma intensidade. Os comportamentos agressivos são comuns no mundo natural; na luta pela sobrevivência, os animais amíúde se comportam de forma agressiva, seja em rituais de acasalamento, nas disputas pela liderança de seus grupos ou na defesa frente ao ataque de predadores. A agressividade pode ser definida, nesse contexto, como um padrão pré-programado de conduta, cuja meta seria a conservação

da vida e a perpetuação da espécie, sendo diretamente relacionada às pressões evolutivas (Lorenz, 1963). O comportamento agressivo, nesta interpretação, poderia ser caracterizado como um componente fundamental para a sobrevivência. Na vida social moderna, no entanto, as pressões civilizatórias favoreceram a associação entre o comportamento agressivo e a violência, o que terminou por caracterizar a agressividade como uma situação axiologicamente negativa para os indivíduos e um comportamento de risco para a sociedade.

Baseado na observação do comportamento agressivo dos animais, o etólogo Lorenz (1963) propôs que tal comportamento seria instintivo e estaria para o corpo como um rio para uma represa, impossibilitado

* Endereço para correspondência: Marcus Vinicius Costa Alves: costaalves.mv@gmail.com

de fluir até um momento de liberação explosiva. Ademais, Lorenz argumentava que se houvesse um mecanismo inibitório moldado evolutivamente nos animais, a intervenção de tal aparelho inibiria a agressão em nível mortal entre seres da mesma espécie, principalmente quando estes estivessem envolvidos em rituais próprios para a perpetuação, como o acasalamento ou lutas por liderança dos seus grupos. No ser humano, certas condições particulares teriam perturbado essa harmonia, ocorrendo uma defasagem entre o rápido progresso cultural e tecnológico e a adequação dos repertórios instintivos às transformações do mundo, o que tornaria os mecanismos inibitórios ineficazes. Muitos psicólogos que acolhem a tese acerca de uma agressividade instintiva e derivada de uma pulsão sustentam que a forma de evitar uma ação agressiva deletéria seria direcioná-la para outras atividades sociais, como os esportes (Kristensen, Lima, Ferlin, Flores, & Hackman, 2003; Lorenz, 1963). Esse raciocínio centrado em uma metáfora hidráulica parece indevido face ao resultado de pesquisas que evidenciaram não ocorrer esta suposta redução do comportamento agressivo com o redirecionamento do impulso agressivo e sim, o oposto, devido à excitação em que os indivíduos se encontram após a realização de atividades desta natureza (Myers, 2000).

Uma grande variedade de pesquisas foi feita para tentar explicar a origem dos comportamentos agressivos. Algumas destas explicações aludem a fatores sociais que estruturariam *scripts* cognitivos, outras a fatores biológicos, decorrentes de uma relação entre hormônios e ordenança genética em uma construção conjunta do ambiente social e das respostas do organismo, ou mesmo a alguma dimensão da personalidade formada durante a socialização do indivíduo (Barros & Silva, 2006; Berkowitz, 1990; Bushman & Anderson, 2002; Vasconcelos, Picon, & Gauer, 2006). Do ponto de vista semântico, a agressão tem sido definida como física ou psicológica. Ao enfatizar o seu caráter intencional, os pesquisadores desenvolvem uma série de conjecturas, elaborando hipóteses a respeito das possíveis relações entre as diferentes variáveis preditoras do comportamento agressivo (Kristensen e cols., 2003). A agressão é definida como qualquer forma de conduta direcionada visando prejudicar ou ferir outra pessoa, ou seja, causar dano físico ou psicológico propositalmente (Barros & Silva, 2006). Essa conceitualização evita então que se entendam comportamentos pró-sociais como, por exemplo, o de cirurgiões dentistas – que podem resultar em dano a outros – como agressivos, pois estes teriam a intenção imediata de

ajudar o sujeito passivo e não de feri-lo. Para definir um ato como agressivo, é preciso que a intenção de causar dano seja primaz na ação (Bushman & Anderson, 2001). Uma definição semelhante é proposta por Buss (1975), que apresenta a agressividade como intenção de promover estímulos desagradáveis, independentemente do fato de chegar ou não a conseguir fazê-lo. A partir desta perspectiva, é possível indicar duas justificativas imediatas para um ato agressivo: fazer com que a vítima sofra ou aquisição de algum reforçador pelo agressor (Myers, 2000).

A agressão hostil é iniciada por qualquer estímulo ou presença de elementos desagradáveis que induza a raiva, insulto ou ataque. Estes estímulos engendram cólera, e esta é seguida por agressão, cuja intenção principal é provocar injúrias à vítima. A agressão hostil, chamada por alguns pesquisadores de agressão colérica ou reativa (Buss, 1975), comumente é confundida como derivada de uma confluência de emoções de reação a algum evento ou mesmo defensivas. Já a agressão instrumental é iniciada pelo fato do ganho de um reforçador desejado pelo agressor advir do uso do comportamento agressivo. Nesta situação, o objetivo do uso de um comportamento agressivo possui primordialmente a intenção de vencer uma competição ou adquirir um reforçador. A agressão instrumental, assim como a hostil, também é percebida de forma peculiar, entendida normalmente como uma agressão a sangue frio, pensada e calculada (Anderson & Bushman, 2002; Buss, 1975). Há três fatores que anteriormente eram utilizados para possibilitar uma diferenciação mais rígida entre a agressividade hostil e a agressividade instrumental: o objetivo principal do comportamento; a presença de raiva; e a extensão do planejamento para a execução da ação agressiva. Entretanto, o uso destes fatores não permitiria conceber o comportamento agressivo de forma a entendê-lo como a resultante de múltiplos objetivos, tal argumento se sustenta na noção de que existem agressões com mais de um objetivo, não sendo puramente instrumentais ou hostis (Barros & Silva, 2006; Bushman & Anderson, 2001).

Anderson e Bushman (2002) apresentaram uma nova definição do comportamento agressivo e propuseram um modelo geral da agressão (*General Aggression Model*) baseado em estruturas de conhecimento (Anderson & Dill, 2000; Bushman & Anderson, 2001). Com esse novo modelo, é possível refletir sobre a validade da dicotomia entre comportamentos hostis ou instrumentais, pois poderiam ser confundidos simplesmente com comportamentos não controla-

dos ou controlados, a “sangue quente” e “sangue frio” (Todorov & Bargh, 2002). O que fundamenta tal argumento é a compreensão de que inúmeros objetivos podem fazer com que um indivíduo se comporte agressivamente, o que sugere que um ato agressivo pode ser ao mesmo tempo hostil e instrumental. Entretanto, a diferenciação entre os tipos de agressividade parece ser um recurso interessante para suprir de forma experimental a necessidade da diferenciação dos comportamentos agressivos no presente estudo, pois este visa focar no estudo do nível perceptual que se caracteriza como parte integrante da estrutura de conhecimentos básica para o comportamento agressivo (Kristensen e cols., 2003; Lawrence & Hodgkins, 2009). Ademais, há ainda uma defasagem no campo de pesquisa que objetive entender a percepção social do comportamento agressivo, não havendo um grande foco de estudos que venham propor o entendimento da forma que a agressão é percebida pelos indivíduos e, assim, interpretada por eles, tendo em vista que os pesquisadores tendem a focar os seus esforços em estudos visando compreender como a agressão é engendrada ou controlada (Anderson & Bushman, 2002).

A relevância dos estudos sobre a percepção do comportamento agressivo se manifesta à medida que se entende que há uma parte da agressão mediada por uma percepção prévia de ameaça ou de agressão por parte de outros (Berkowitz, 1990), sendo ainda relevante lembrar que os indivíduos parecem possuir um aparato perceptual e motor – moldado evolutivamente – para proceder de forma agressiva (Kristensen e cols., 2003). Ademais, a habilidade de perceber emoções em outras pessoas pelos indivíduos – principalmente a raiva – ou de julgar a agressividade de atos realizados por outros indivíduos tem sido estudada em uma tentativa de entender sua relação com o comportamento agressivo (Fine, Trentacosta, Izard, Mostow, & Campbell, 2004; Kenny, West, Cillesen, Coie, Doodge, Hubbard, & Schwartz, 2007), sendo ainda reduzido o número de pesquisas relacionadas com o tema, ainda que se saiba da grande influência de tais nuances perceptuais e cognitivas no comportamento agressivo (Lawrence & Hodgkins, 2009).

Além do reconhecimento de emoções, a percepção social consiste no processo em que indivíduos automaticamente atribuem causas ao comportamento dos outros, e, baseado em esquemas de conhecimento de situações, pessoas e conceitos próprios, fazem inferências sociais acerca deste comportamento (Moya, 1994). Entender então a forma que acontece a construção automática de impressões acerca da ação de

outra pessoa, e com particular notoriedade no caso do comportamento agressivo, servirá de auxílio para reflexões acerca das respostas comportamentais advindas. Segundo Moya (1994), a percepção de pessoas – e suas ações – é caracterizada por uma classificação automática onde ocorre algo como uma recodificação do enorme número de dados que são dispostos acerca dos indivíduos e a classificação destes em categorias, assim, se faz possível alcançar um nível de redução da complexidade dos estímulos para compreensão plena do que é percebido, possibilidade haver a leitura, entendimento e previsão dos comportamentos. A categorização é um processo adaptativo do cérebro visando permitir o uso mínimo dos recursos cognitivos para organizar informações (Hagestad & Uhlenberg, 2005), o processo de categorização de pessoas possui a mesma função, categorizar grupos e indivíduos para facilitar e permitir a interpretação e previsão dos comportamentos e características destes, tomando como partida três dimensões primárias, sendo estas a raça, o gênero e a idade (Nelson, 2005). Este processo é tão utilizado durante a vida que acaba se tornando automático, as pessoas são percebidas como agentes causais, entretanto essas inferências sociais, seguindo o raciocínio da tendência à categorização, podem se dar de forma enviesada, se mostrando importante para o entendimento do julgamento do comportamento agressivo e as reações a ele (Fine e cols., 2004; Kenny e cols., 2007; Lawrence & Hodgkins, 2009; Moya, 1994; Todorov & Bargh, 2002).

Levando em conta que categorização com base na idade do indivíduo observado se dá de forma automática e eficaz, é possível argumentar que os conceitos prévios relacionados a cada faixa etária afetarão a forma com que os participantes perceberão a ação agressiva do agente desta ação a depender da idade deste. Entretanto, há ainda um número reduzido de estudos relacionando os estereótipos referentes a cada faixa etária e a categorização que gera tais estereótipos, principalmente se comparado à quantidade de estudos realizados com estereótipos de raça e de gênero (Nelson, 2005). Outra característica marcante do estudo do idadismo é ainda a diferença da quantidade de pesquisas feitas para entender os estereótipos para cada faixa etária, enquanto um número relativamente alto propõe entender a complexidade dos preconceitos em relação aos idosos, somente uma pequena parte dos estudos são direcionados para o chamado “idadismo juvenil”, ou seja, estereótipos de adolescentes e crianças. Ademais, estudos de estereótipos de idade com adultos são quase inexistentes (Nelson, 2009).

Entre os estudos que investigam o comportamento agressivo quando relacionado a crianças e adolescentes, é possível enxergar uma inclinação para a investigação da possibilidade do controle da agressividade ou visando entender como se inicia o comportamento agressivo e quais as variáveis que estariam envolvidas no engendramento deste tipo de comportamento nessas faixas etárias (Guimarães & Pasian, 2006; Richetin & Richardson, 2008). Tal inclinação acaba por corroborar a ideia de que estes seriam tomados como mais agressivos que idosos e adultos. Estudos revelam que algumas crianças tendem a perceber o ambiente de forma hostil, respondendo a ele agressivamente, pois através desse viés perceptual, ela acabaria por superestimar a agressividade alheia e subestimar a sua própria (Barros & Silva, 2006; Fine e cols., 2004). Estaria também relacionada a esse fenômeno a baixa capacidade de interpretar emoções de forma acurada, as entendendo como ameaça a partir de sua percepção enviesada (Kenny e cols., 2007; Muris, Merckelbach, & Walczak, 2002). Alguns estudos defendem a ideia de que tal viés, aparentemente, não sofreria influência socioeconômica (Guimarães & Pasian), embora outros afirmem que, sendo a agressividade um componente que vai além das dimensões cognitivas, sua percepção também sofreria a influência de fatores sociais, de curto prazo – como um jogo de videogame violento – ou longo prazo – como maus tratos constantes – e mesmo da percepção de si mesmo e da autoestima (Anderson & Dill, 2000; David & Kistner, 2000).

Quando relacionado aos idosos, o estudo da agressividade normalmente toma forma de uma pesquisa para o entendimento de como estes sofrem e lidam com as agressões (Araújo & Lobo-Filho, 2009; Nelson, 2005), o que pode advir do entendimento comum à sociedade de que os idosos seriam pessoas pouco propensas a atos agressivos, seja pelo fator biológico, seja pelo fator social, uma vez que a imagem do idoso acaba por ser representada habitualmente pela figura repleta de serenidade, sapiência ou então de fragilidade, assim gerando mesmo uma tendência à infantilização (Caporael, 1981; Cuddy, Norton, & Fiske, 2005; Nelson, 2009). Devido a isso, apesar dos estudos sobre o idadismo abordarem o entendimento o preconceito ao idoso, poucos parecem analisar o pertencente desta categoria como propenso de cometer um ato agressivo (Hagestad & Uhlenberg, 2005; Nelson, 2005).

Identifica-se também um número limitado de estudos da agressão direcionados para o entendimento da forma como esta é categorizada ou percebida como

ação básica na categoria dos adultos, assim, estudos que relacionam agressividade e a adultez aparecem com maior frequência em pesquisas e trabalhos que relacionam essa ação agressiva com outros fatores, comumente de cunho social, que acabam por influenciar a direção dos estudos, acontecendo assim a tendência de que pesquisas sobre agressividade relacionem e priorizem fatores influenciadores, tais como o comportamento desviante, criminalidade, bullying em organizações, violência contra grupos sociais específicos, dentre outros (Cowie, Naylor, Rivers, Smith, & Pereira, 2002; Parrot, 2008; Ward, Gannon, & Keown, 2006).

No presente estudo foram feitas perguntas sobre a percepção do comportamento agressivo e a associação diferenciada que poderia ser feita a partir de crenças pessoais acerca da categoria etária em que o indivíduo perpetrador da ação pertence. Esta pesquisa buscou entender em que medida a agressividade é atribuída a diferentes categorias etárias e que tipo de comportamentos agressivos, baseados principalmente no modelo que divide o comportamento agressivo pela obtenção de reforço instrumental ou pela sua natureza colérica, seria associado com maior frequência a cada categoria social, além disso, foi proposto entender também qual o grau de agressividade atribuído a cada faixa etária ao realizar tais comportamentos. Partindo ainda dessa proposta, foi considerado de vital importância para uma construção válida desta compreensão, entender quais são as atribuições causais que as pessoas comumente dão à ação agressiva.

Levando em conta o até aqui discutido, os problemas que orientam esta pesquisa podem ser enunciados nos seguintes termos: 1) como se daria a percepção do comportamento agressivo e seus diferentes tipos quando realizado por indivíduos de diferentes faixas etárias; 2) quais seriam as justificativas que os participantes atribuiriam à existência do comportamento agressivo das personagens da história. A partir da análise de que a produção científica trata o tema da agressividade relacionado normalmente às pessoas mais jovens, foi possível formular a hipótese de que os adolescentes seriam percebidos como mais agressivos, seguidos pelas crianças, além disso, em relação à agressividade hostil, teorizou-se que provavelmente idosos e adultos seriam considerados extremamente agressivos, pelo fato de que há a expectativa que estes sejam mais maduros, serenos e racionais, talvez obtendo um escore de agressividade tão alto quanto o dos adolescentes (Cowie e cols., 2002; Nelson, 2005).

Tomando como referência a perspectiva causal externa e interna, de acordo com o argumento de Bushman e Anderson (2001), é pertinente a hipótese de que as justificativas para o comportamento agressivo serão externas – como o ambiente social – para a agressividade hostil, e internas – como a personalidade – para a agressividade instrumental.

Com o presente estudo, espera-se que seja possível, a partir dos resultados obtidos, esclarecer alguns pontos acerca da relação entre os processos cognitivos automáticos que são ativados durante a categorização de diferentes faixas etárias quando realizando uma ação agressiva, com o intuito de compreender em que nível crenças acerca das diferentes idades podem influenciar a percepção dos tipos de comportamento agressivo. Ademais, espera-se que, ao compreender os processos engendrados a partir da percepção do comportamento agressivo, seja possível entender mesmo os comportamentos posteriores gerados a partir dessa relação, permitindo a estudos que abordem tal relação uma interpretação mais complexa do que for apresentado.

MÉTODOS

A pesquisa – de caráter experimental – teve sua coleta de dados realizada através de um questionário elaborado com o *software EF Survey*. O questionário fora divulgado pela internet, onde os participantes possuíam livre acesso para respondê-lo, todavia, tal acesso só era possível após a anuência do termo de consentimento livre e esclarecido.

Procedimentos

O questionário elaborado pelos pesquisadores apresentava ao participante uma história e questões diversas sobre ela. As histórias continham comportamentos agressivos por parte de uma personagem, seguindo o desenho da pesquisa de 2 x 4, onde acontecia um dos dois tipos de comportamentos agressivos (Instrumental e Hostil) realizados por uma personagem de uma das quatro diferentes faixas etárias (Criança, Adolescente, Adulto e Idoso).

As seguintes histórias fictícias – relacionadas cada uma a um tipo de agressividade – foram mostradas aos participantes, onde se especifica a idade e categoria da faixa etária da personagem (abaixo representado por ‘uma criança de 9 anos’), poderiam ser mostradas de forma aleatória as seguintes categorias: uma criança de 9 anos; um adolescente de 17 anos; um adulto de 35 anos; um idoso de 70 anos. As histórias usadas na pesquisa foram avaliadas e julgadas como prototípicas e adequadas aos tipos de agressividade por um

grupo de juízes. Os participantes posteriormente conduziram um julgamento acerca do nível de agressividade da personagem principal da história.

AGRESSIVIDADE HOSTIL

“Roberto, uma criança de 9 anos, passava todo dia pelo mesmo corredor. Todas as vezes que passava neste corredor Roberto era humilhado por Eduardo de diversas formas. Após dias onde os abusos persistiam e a intensidade da raiva por Eduardo aumentava, Roberto não aguentou mais e revidou à humilhação atacando Eduardo com muitos socos e pontapés, só parando quando foi segurado com dificuldade por pessoas que passavam por ali na hora.”

AGRESSIVIDADE INSTRUMENTAL

“Roberto, uma criança de 9 anos, tentava indiscriminadamente encontrar um objeto que acreditava ser valioso. Um dia, soube que Eduardo havia encontrado tal objeto, Roberto então foi conversar com ele a fim de pegá-lo. Eduardo segurou o objeto dizendo que não iria entregá-lo. Roberto então tentou pegar o objeto atacando Eduardo com muitos socos e pontapés, só parando quando este soltou o objeto, Roberto então pegou o que queria e foi embora.”

Após esta etapa, o questionário apresentava aos participantes uma lista com possíveis atribuições causais para o comportamento do agressor, o participante então avaliava de 1 a 4 tais atribuições de acordo com o que acreditava justificar o comportamento da personagem da história. As justificativas apresentadas para a escolha foram “o ambiente físico”, “o ambiente social”, “o clima da região em que vive”, “o cérebro”, “as circunstâncias da vida”, “as outras pessoas”, “a educação que recebeu”, “a personalidade”, “a idade” e “as características pessoais do agredido”.

Participantes

A pesquisa foi respondida por 202 participantes de ambos os sexos, sendo 61,9% dos participantes do sexo feminino. A média de idade dos participantes foi de 24,11 anos (DP = 9,362), com amplitude de 14 a 74 anos. A pesquisa teve respondentes de diferentes níveis de escolaridade, abrangendo desde participantes com ensino fundamental incompleto (0,5%) até participantes com o grau de escolaridade equivalente ao nível de pós-graduação (8,2%), sendo que a maioria da amostra possuía o nível superior incompleto (66,5%). Tendo em vista que na presente pesquisa tenha sido utilizado um instrumento on-line de coleta

de dados, o pareamento econômico e social se deu a partir dos dados descritivos que evidenciavam uma proximidade dos grupos respondentes desse experimento.

RESULTADOS

Os resultados encontrados para a medida do grau de agressividade por tipo de comportamento agressivo e faixa etária estão demonstrados na Tabela 1

Tabela 1
Média de Atribuição da Agressividade por Faixa Etária da Personagem

Faixa Etária	Agressividade Hostil		Agressividade Instrumental		N
	Média	DP	Média	DP	
Crianças	3,74	1,14	4,44	0,77	48
Adolescentes	4,07	0,92	4,62	0,5	53
Adultos	4,17	0,89	4,79	0,42	42
Idosos	3,48	1,2	4,53	1,0	59
Total	3,87	1,1	4,58	0,75	202

Nota. $p < 0,05$.

Os resultados apresentados na Tabela 1 mostram a esperada diferença entre as médias das agressividades hostil e instrumental, foi realizado um teste t para amostras independentes para apurar a diferença das médias obtidas para os dois tipos de comportamento agressivo que se mostrou estatisticamente significativa [$t=5,6$; $p<0,05$]. Assim, entende-se que os participantes tendem a creditar maior grau de agressividade quando é apresentado um comportamento agressivo instrumental do que ao ser apresentado o comportamento agressivo hostil. Uma série de testes t para a diferença entre as médias dos tipos de agressividade para cada faixa etária também foram gerados, os resultados para as crianças [$t=2,5$; $p<0,05$], adolescentes [$t=2,7$; $p<0,05$], adultos [$t=2,8$; $p<0,05$] e idosos [$t=3,7$; $p<0,05$] demonstram que mesmo entre cada faixa etária existe diferença estatística significativa entre a avaliação dos dois tipos diferentes de comportamento agressivo.

Uma Anova multivariada foi rodada para investigar a influência do tipo do comportamento agressivo e da faixa etária na variação do grau de agressividade atribuído ao comportamento da personagem, o resultado obtido foi que, além de haver resultado estatisticamente significativo para a influência do tipo de

comportamento agressivo [$F=32,43$; $p<0,05$], houve também diferença estatisticamente significativa para o resultado das faixas etárias [$F=2,97$; $p<0,05$], entretanto, tais influências do tipo de agressividade e das faixas etárias seriam aditivas e não interativas [$F=0,86$; $p=0,46$]. Em seguida foi realizado um teste *post hoc* de Tuckey que não conseguiu detectar as diferenças específicas entre as faixas etárias, todas ficando acima do nível de significância de 0,05. Tanto quando relacionadas à agressividade instrumental, quanto à agressividade hostil, a categoria social formada pelos adultos obteve índices mais altos para o grau de agressividade, indo de encontro com o que era esperado, que era que os adolescentes estivessem nesta situação. Parece que o envelhecimento das personagens não causa uma alteração linear nas respostas para o grau de agressividade, assim, a diferença entre as médias deve ser interpretada como uma diferença particular da categorização de cada faixa etária relacionada com seus estereótipos específicos e não como um efeito do envelhecer.

Para entender as atribuições causais que as participantes deram aos comportamentos agressivos, foi gerada uma regressão linear múltipla para cada tipo de agressividade, como visto nas Tabelas 2 e 3:

Tabela 2
Análise de Regressão Múltipla para as Variáveis da Agressividade Hostil

Variáveis	B	SEB	β
A educação que recebeu	.25	.10	.25
O ambiente social	.23	.11	.21

Nota. $R^2 = .13$ (N = 202, Sig. < .05)

Houve a atribuição por parte dos participantes à educação recebida pela personagem da história e o ambiente social em que ela viveu para a explicação do seu comportamento agressivo hostil, sendo estas, causas externas. Tais resultados confirmam a hipótese de que a agressividade hostil seria justificada por causas

externas pelos participantes. As outras possíveis justificativas – “o ambiente físico”, “o clima da região em que vive”, “o cérebro”, “as circunstâncias da vida”, “as outras pessoas”, “a personalidade”, “a idade” e “as características pessoais do agredido” – não obtiveram resultado estatisticamente significativo.

Tabela 3
Análise de Regressão Múltipla para as Variáveis da Agressividade Instrumental

Variáveis	B	SEB	B
A idade do participante	.02	.01	.25

Nota. $R^2 = .09$ (N = 202, Sig. < .05)

Diferente do esperado, os participantes acabaram por não atribuir ao comportamento agressivo instrumental uma causalidade interna, tampouco foram atribuídas justificativas para o comportamento agressivo instrumental pautadas em características externas ao indivíduo. Todas as possíveis atribuições de justificativas para o comportamento da personagem – “o ambiente físico”, “o ambiente social”, “o clima da região em que vive”, “o cérebro”, “as circunstâncias da vida”, “as outras pessoas”, “a educação que recebeu”, “a personalidade”, “a idade” e “as características pessoais do agredido” – não se mostraram estatisticamente significativas, entretanto, a idade do participante que respondeu a pesquisa estabeleceu uma diferença significativa, alterando a percepção acerca do comportamento agressivo perpetrado pela personagem da história. Assim, para o comportamento agressivo de cunho instrumental, a alteração principal na percepção da agressividade estava relacionada ativamente à idade do participante que respondeu da pesquisa e não da personagem que praticou a ação.

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo demonstram que a percepção do comportamento agressivo é influenciada pela faixa etária do agressor e também pelo tipo de comportamento agressivo realizado por ele. Embora tal percepção não tenha característica aditiva, apresenta

ao menos um fator de relevância para a categorização da percepção do comportamento. Tal resultado, em primeiro plano traz uma reflexão acerca do argumento de Bushman e Anderson (2001) de que talvez o modelo hostil-instrumental de concepção do comportamento agressivo já não permitisse análises mais abrangentes acerca dos comportamentos, fruto de sua dicotomia que não possibilitaria o entendimento de comportamentos agressivos gerados por múltiplos motivos. Entretanto, tal diferença na pontuação dos diferentes tipos de agressão sugere que resida nas crenças dos indivíduos que percebem a ação agressiva um entendimento de que as motivações que levam aos comportamentos do tipo hostil ou instrumental não só seriam díspares, como teriam causa, intensidade e tipos de atores diferentes. Aparentemente o modelo dicotômico hostil-instrumental ainda se faz válido para estudos experimentais da percepção social do comportamento agressivo.

A diferença na percepção do comportamento agressivo em relação à faixa etária da personagem que realizava tal comportamento também confirmou a hipótese de que este fator influenciaria o julgamento dos participantes da pesquisa. Tal achado corrobora a ideia de que o comportamento agressivo, quando emitido por diferentes categorias, tende a ser percebido de forma enviesada pelos indivíduos (Fine e cols., 2004; Ward e cols., 2006). A categorização fruto das diferenças de idade dos agentes do ato agressivo acabou

por influenciar a interpretação deste, seguindo a lógica encontrada na literatura (Hagestad & Uhlenberg, 2005; Nelson, 2005). Todavia, a hipótese de que seriam os adolescentes os que atingiriam maiores graus de agressividade hostil, em decorrência do estereótipo associado à rebeldia não resistiu ao experimento, em verdade, os adultos acabaram por obter resultados significativamente mais altos que todos os outros grupos etários nos dois tipos de agressividade. Assim, a interpretação anteriormente proposta para o comportamento de teor hostil de que seria creditado ao adulto um maior grau de agressividade em decorrência da crença de que estes deveriam ser controlados, passíveis de agir segundo preceitos éticos e maduros pode ser generalizada para os resultados da agressividade instrumental.

Em relação à faixa etária dos idosos, tanto o comportamento agressivo hostil, quanto o instrumental, não obtiveram grande avaliação de agressividade, indo de encontro ao esperado. Tal posicionamento por parte dos participantes de avaliar com um grau de agressividade mais baixo que as outras faixas etárias quando o idoso realiza um comportamento com teor colérico pode ser entendido como resultante talvez do que fora argumentado por Bushman e Anderson (2001) de que o comportamento agressivo hostil estaria muito relacionado ao comportamento de autodefesa, assim direcionando a interpretação dos participantes, pois o idoso seria então colocado no lugar de vítima em decorrência do estereótipo de fragilidade ao qual é comumente relacionado (Caporael, 1981; Cuddy, Norton & Fiske, 2005; Nelson, 2009).

É ainda possível sugerir a partir dos resultados que a percepção do comportamento agressivo, ao tomar como base as crenças compartilhadas da sociedade, acaba por interpretar os comportamentos agressivos das categorias mais associadas a tais atos com mais cautela do que as que não são associadas. Entretanto, tal raciocínio apesar de responder bem as avaliações feitas às crianças, aos adolescentes e aos adultos, não poderia explicar o resultado encontrado para a categoria dos idosos.

Em se tratando das atribuições de causalidade e do argumento de Bushman e Anderson (2001) acerca da forma que o modelo hostil-instrumental é entendido, outro fator que vem à tona com os dados é a confirmação em certa medida do argumento de que os comportamentos de característica hostil ou instrumental podem acabar sendo concebidos como comportamentos automáticos ou controlados (Richetin & Richardson, 2008; Todorov & Bargh, 2002), gerando uma inter-

pretação direcionada por parte dos participantes, como comportamentos defensivos ou previamente planejados, e talvez causando um julgamento enviesado dos comportamentos quando estes são apresentados (Anderson & Bushman, 2002; Bushman & Anderson, 2001; Todorov & Bargh, 2002). Assim, a forma que o comportamento é percebido pelo participante da pesquisa poderia estar direcionada por esta percepção de comportamento como sendo “a sangue quente” (de autodefesa e reativos) ou a sangue frio (planejados, logo, realizado por indivíduos “mal intencionados”), entretanto, os resultados da presente pesquisa revelaram que a atribuição causal do comportamento agressivo instrumental não corresponde ao esperado, de que a este fossem atribuídas justificativas internas – como a personalidade ou o cérebro do indivíduo que age agressivamente – trazendo a reflexão acerca da dualidade anteriormente concebida de que os comportamentos do tipo instrumental seriam percebidos como inversos aos comportamentos do tipo hostil, tendo estes sua característica de atribuição externa confirmada pelos resultados. O fator que influenciou a avaliação do comportamento agressivo instrumental foi a idade do participante que respondeu a pesquisa, sendo esta uma causa neutra à personagem e a própria ação agressiva cometida. Com isso, é possível sugerir que estaria a interpretação do comportamento agressivo instrumental dependente mais das crenças do percebido do que das características e da categoria social do agente da ação (David & Kistner, 2000; Kenny e cols., 2007; Ward e cols., 2006).

CONCLUSÃO

Tendo em vista os resultados encontrados, foi possível confirmar que a percepção da agressividade e do comportamento agressivo é um processo tão multifacetado quanto à ação agressiva em si. Embora, tenha resultados significativos, a presente pesquisa não supre a necessidade de estudos mais amplos na área para buscar um entendimento da associação dos comportamentos agressivos a um tipo de categoria. Há ainda a necessidade de que alguns pontos sejam investigados acerca dos achados pelo presente trabalho. Trabalhos futuros poderão investigar a influência da idade do participante na percepção dos comportamentos agressivos, pois além dos resultados do presente estudo que revelaram haver tal influência em um dos tipos de agressividade, outros estudos revelam que a interpretação do comportamento agressivo acontece influenciada pelas crenças, valores e atitudes de quem observa a ação (Muris e cols., 2002; Ward e cols., 2006).

Há ainda a necessidade de descobrir em que medida e em que direção ocorre tal influência, levando em conta inclusive a utilização de outros métodos experimentais para o estudo dessa relação entre comportamento agressivo e faixas etárias, visando suprir algumas limitações do estudo atual, como entender a influência que a personalidade das pessoas pode causar nos resultados e realizar experimentos com personagens de diferentes sexos, raças e estratos sociais e econômicos, a fim de realizar uma análise mais completa de como tais fatores poderiam acarretar a diferente percepção do ato agressivo. Ademais, estudos que permitam uma melhor compreensão da categorização das faixas etárias seriam de suma importância, principalmente em relação aos adultos e idosos, para se tornar possível uma melhor interpretação dos resultados obtidos neste trabalho, que indicaram algumas tendências pouco esperadas a partir da avaliação destas duas categorias e que poderão ser aprofundadas em investigações futuras.

Com a possibilidade fomentada a partir dos resultados do presente estudo, acredita-se que seja compreensível propor uma maior inclinação de pesquisadores para tal área futuramente, pois esta tem se mostrado extremamente valiosa para a compreensão do processo comportamental humano e para o trabalho de psicólogos, antropólogos e sociólogos, além de estar repleta de grandes possibilidades de investigação. Os comportamentos agressivos são naturais ao homem e por isso, a compreensão de como estes se dão e são percebidos é fundamental.

REFERÊNCIAS

- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27-51.
- Anderson, C. A., & Dill, K. E. (2000). Video games and aggressive thoughts, feelings, and behavior in the laboratory and in life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 772-790.
- Araújo, L. F., & Lobo Filho, J. G. L. (2009). Análise psicossocial da violência contra idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22, 153-160.
- Barros, P., & Silva, F. B. N. (2006). Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e na adolescência. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2, 55-66.
- Berkowitz, L. (1990). On the formation and regulation of anger and aggression: A cognitive-neoassociationistic analysis. *American Psychologist*, 4, 494-503.
- Bushman, B. J., & Anderson, C. A. (2001). Is it time to pull the plug on the hostile versus instrumental aggression dichotomy? *Psychological Review*, 108, 273-279.
- Bushman, B. J., & Anderson, C. A. (2002). Violent video games and hostile expectations: A test of the general aggression model. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 772-790.
- Buss, A. H. (1975). A agressão compensa. Em J. L. Singer (Org.), *O controle da agressão e da violência: Fatores cognitivos e fisiológicos* (pp. 112-130). São Paulo: EPU.
- Caporaël, L. (1981). The paralinguistic of caregiving: Baby talk to the institutionalized aged. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 876-884.
- Cowie, H., Naylor, P., Rivers, I., Smith, P. K., & Pereira, B. (2002). Measuring workplace bullying. *Aggression and Violent Behavior*, 7, 33-51.
- Cuddy, A. J. C., Norton, M. I., & Fiske, S. T. (2005). This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. *Journal of Social Issues*, 61, 267-285.
- David, C. F., & Kistner, J. A. (2000). Do the positive self-perceptions have a "dark side"? Examinations of the link between perceptual bias and aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 28, 327-337.
- Fine, S. E., Trentacosta, C. J., Izard, C. E., Moslow, A. J., & Campbell, J. L. (2004). Anger perception, caregiver's use of physical discipline, and aggression in children at risk. *Social Development*, 13, 213-228.
- Guimarães, N. M., & Pasian, S. R. (2006). Agressividade na adolescência: Experiência e expressão da raiva. *Psicologia em Estudo*, 11, 89-97.
- Hagestad, G. O., & Uhlenberg, P. (2005). The social separation of old and young: A root of ageism. *Journal of Social Issues*, 61, 343-360.
- Kenny, D. A., West, T. V., Cillessen, A. H. N., Coie, J. D., Dodge, K. A., Hubbard, J. A., & Schwartz, D. (2007). Accuracy in judgements of aggressiveness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33, 1225-1236.
- Kristensen, C. H., Lima, J. S., Ferlin, M., Flores, R. Z., & Hackman, P. H. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: Uma revisão teórica. *Estudos em Psicologia (Natal)*, 8, 175-184.
- Lawrence, C., & Hodgkins, E. (2009). Personality influences on interpretations of aggressive behavior: The role of provocation sensitivity and trait aggression. *Personality and Individual Differences*, 46, 319-324.
- Lorenz, K. (1963). *On aggression*. Londres: Routledge.
- Moya, M. (1994). Percepción social y de personas. Em J. F. Morales e cols. (Orgs.), *Psicología social* (pp. 71-92). Madrid: McGrawHill.
- Muris, P., Merckelbach, H., & Walczac, S. (2002). Aggression and threat perception abnormalities in children with learning and behavior problems. *Child Psychiatry and Human Development*, 33, 147-163.
- Myers, D. G. (2000). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: LTC.
- Nelson, T. D. (2005). Ageism: Prejudice against our feared future self. *Journal of Social Issues*, 61, 207-221.
- Nelson, T. D. (2009). Ageism. Em T. D. Nelson (Org.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 431-440). New York: Psychology Press.
- Parrot, D. J. (2008). A theoretical framework for antigay aggression: Review of established and hypothesized effects within the context of the general aggression model. *Clinical Psychology Review*, 28, 933-951.
- Richetin, J. R., & Richardson, D. S., (2008). Automatic processes and individual differences in aggressive behavior. *Aggression and Violent Behavior*, 13, 423-430.

- Todorov, A., & Bargh, J. A. (2002). Automatic sources of aggression. *Aggression and Violent Behavior, 7*, 53-68.
- Vasconcelos, S. J. L., Picon, P., & Gauer, G. J. C. (2006). A modelagem dos comportamentos agressivos e as ciências cognitivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 22*, 163-168.
- Ward, T., Gannon, T. A., & Keown, K. (2006). Beliefs, values and action: The judgement model of cognitive distortions in sexual offenders. *Aggression and Violent Behavior, 11*, 323-340.

Recebido: 19/11/2010
Última revisão: 02/11/2011
Aceito: 30/11/2011